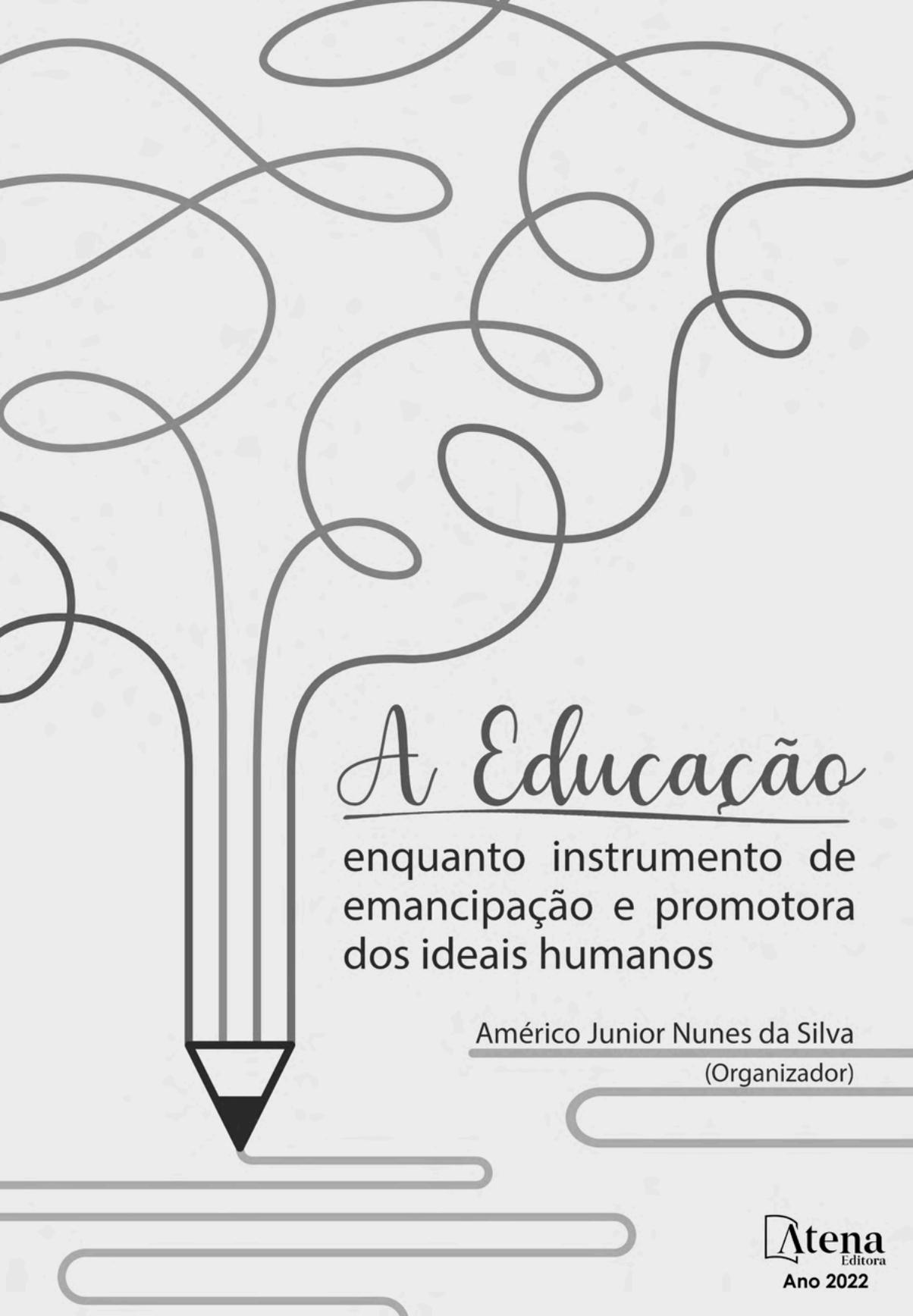


# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)



# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-852-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.523222801>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“A Educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os professores e professoras pesquisadoras em seus diferentes espaços de trabalho.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### FORMAÇÃO INTEGRAL E HUMANA COMO PRESSUPOSTOS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

Rosita Camilo de Souza

Leia Adriana da Silva Santiago

Mirelle Amaral de São Bernardo

Suelma dos Reis Pereira Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228011>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

#### ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO BRASIL: O PNAES EM FOCO

Daniele Antonia da Silva

Alda Maria Duarte Araújo Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228012>

### **CAPÍTULO 3..... 25**

#### ESTUDOS CURRICULARES NA SINDEMIA: LIMITES E LIMIARES

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228013>

### **CAPÍTULO 4..... 43**

#### REVISITANDO CONCEITOS E CONSTRUINDO DICIONÁRIO DE SABERES & POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

José Carlos Martins Cardoso

Jorge Antônio Lima de Jesus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228014>

### **CAPÍTULO 5..... 52**

#### PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “DR” EM SALA DE AULA

Iohana Tavares Lopes

Luanna Darfini Garrido da Silva

Tauana Evaristo Porto

Thais Tonin

Daniela Valcarenghi

Leia Viviane Fontoura

Ednéia Casagrande Bueno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228015>

### **CAPÍTULO 6..... 62**

#### O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA ESTIMULANDO A

## LEITURA DELEITE: UMA REVISÃO NARRATIVA

Fernanda Luciano Fernandes  
Sherlany da Silva  
Walquiria Gonçalves Rodrigues  
Carolina Campos Piassarollo  
Evaldo César Mother Ribeiro  
Ana Paula Soares Pachú  
Andreia Canal Zambon  
Ana Marcia Casagrande Fiorio  
Zilda Moreira Zandonade  
Geovana do Carmo Araujo Almeida  
Regina Célia Balardino Paste  
Débora Corrêa dos Santos Brioschi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228016>

## **CAPÍTULO 7..... 74**

### **AVA MOODLE: PERCEPÇÕES DE DOCENTES DE BIOLOGIA SOBRE AS POSSIBILIDADES DE USO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Ricardo Gonzaga Sales  
Irene Cristina de Mello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228017>

## **CAPÍTULO 8..... 84**

### **ARTE AFRO-BRASILEIRA: SABERES E FAZERES POÉTICOS E PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Guadalupe da Silva Vieira  
Marcos André Betemps Vaz da Silva  
Valquiria Pereira Tenório

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228018>

## **CAPÍTULO 9..... 97**

### **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA NO MODELO REMOTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maria Cleniuda da Silva Oliveira  
Francisco Wellington dos Santos Saldanha  
Ananias Agostinho da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5232228019>

## **CAPÍTULO 10..... 101**

### **UM MAPEAR DE PRODUÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O ENSINO DE MATEMÁTICA EM CONTEXTO PANDÊMICO**

Américo Junior Nunes da Silva  
Ilvanete dos Santos de Souza  
Leonardo Araújo Suzart  
Maiane de Almeida Nascimento  
Herica Janielli da Silva Limeira  
Roberto Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280110>

**CAPÍTULO 11..... 110**

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA POR MEIO DE JOGOS EDUCATIVOS PARA DISPOSITIVOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA

Maria Betânia Francisca de Albuquerque Araujo

Fernando da Fonseca de Souza

André Victor de Albuquerque Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280111>

**CAPÍTULO 12..... 123**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COLÉGIO RUI BARBOSA EM ARAGUAÍNA, TOCANTINS: PERCEPÇÕES E REALIZAÇÕES NO COTIDIANO DA ATIVIDADE DOCENTE INTERDISCIPLINAR

André de Oliveira Moura Brasil

Claudia Scareli-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280112>

**CAPÍTULO 13..... 135**

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE PRÁTICAS AMBIENTAIS EM DUAS ESCOLAS, URBANA E RURAL, DO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR

Elisandra Augusta Gafuri Manfrin

Francy Rodrigues da Guia Nyamien

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280113>

**CAPÍTULO 14..... 146**

ARGUMENTACIÓN ESCRITA DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS. DE AVANCES Y PERSISTENCIAS A OPORTUNIDADES

Karen Hasleidy Machado Mena

Martha Cecilia Arbeláez Gómez

Martha Lucía Garzón Osorio

Carmen Elisa Vanegas Lotero

Rubén Darío Gutiérrez Arias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280114>

**CAPÍTULO 15..... 166**

NARRATIVAS DE ABDULAI SILA: A EDUCAÇÃO FORMAL COMO VIA PARA O DESENVOLVIMENTO FRICANO

Suely Santos Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280115>

**CAPÍTULO 16..... 178**

JOVENS BRASILEIROS E CABOVERDIANOS COM SEUS PROJETOS DE VIDA: VIOLÊNCIA FAZ DIFERENÇA?

Elmar Silva de Abreu

Elaine Pedreira Rabinovich

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280116>

**CAPÍTULO 17..... 196**

TRANSFORMACIÓN DE LA EXPERIENCIA EM APRENDIZAJE:"EL OUTDOOR TRAINING, COOPERACIÓN Y MATERIAL NO CONVENCIONAL"

Julio Fuentesal García

Antonio Baena Extremera

José Javier Horno Tomé

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280117>

**CAPÍTULO 18..... 202**

LA ORGANIZACIÓN DE EVIDENCIAS VISUALES PARA EL LOGRO DE OBJETIVOS DE APRENDIZAJE

Geovany Rodríguez Solís

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280118>

**CAPÍTULO 19..... 212**

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS POR PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniel Vieira Sant'Anna

Daniele de Fátima Fuganholi Abiuzzi Sant'Anna

Daniela Nogueira de Moraes Garcia

Robson Galdino da Silva

Rafael Seidinger de Oliveira

Fabiano da Silva Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280119>

**CAPÍTULO 20..... 222**

MUSEUS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Juliana dos Santos Nogueira

João Batista Bottentuit Junior

Robson Daniel dos Santos Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280120>

**CAPÍTULO 21..... 233**

A REFORMA FRANCISCO CAMPOS E A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA DE 1934

Fabio Marques de Oliveira Neto

Vaneska Oliveira Caldas

Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280121>

**CAPÍTULO 22..... 241**

O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA DA GESTÃO

**PARTICIPATIVA**

Cláudia Alves Moreira Ramos  
Elize Keller-Franco  
Luciane Baia Heess  
Vânia Karoline Viana dos Santos Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280122>

**CAPÍTULO 23.....253**

**SOFTWARES EDUCACIONAIS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Yasmin Mascarenhas da Silva  
Aécio Alves Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280123>

**CAPÍTULO 24.....266**

**INCLUSÃO SOCIAL PELA LEITURA**

Maisa Ianaira Goulart Ferreira Gerin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52322280124>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....275**

**ÍNDICE REMISSIVO.....276**

## NARRATIVAS DE ABDULAI SILA: A EDUCAÇÃO FORMAL COMO VIA PARA O DESENVOLVIMENTO FRICANO

Data de aceite: 10/01/2022

**Suely Santos Santana**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**RESUMO:** Grande parte das literaturas africanas destacam como uma de suas características a discussão da (re)construção da nação. A literatura do escritor bissau-guineense Abdulai Sila não é diferente, já que também evidencia essa preocupação. A abordagem que se segue empreende uma leitura da *trilogia* romanesca deste escritor, destacando o compromisso com uma nova nação, a partir do investimento na educação formal. A ideia é apontar a educação como um dos fatores cruciais para o desenvolvimento de um país, tendo a ficção de Sila como recurso para a abordagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** África – Guiné-Bissau – ficção – desenvolvimento - educação

**ABSTRACT:** A large part of African literatures highlight as one of their characteristics the discussion of the (re)construction of the nation. The literature of the Guinean writer Abdulai Sila is no different, as it also highlights this concern. The approach that follows undertakes a reading of this writer's novelistic trilogy, highlighting the commitment to a new nation, based on investment in formal education. The idea is to point out education as one of the crucial factors for the development of a country, using Sila's fiction as a resource for the approach.

**KEYWORDS:** Africa – Guinea-Bissau – fiction –

development – education.

Grande parte das literaturas africanas, pensando aqui naquelas em língua oficial portuguesa, apresenta como uma de suas características a flagrante discussão da (re) construção de suas nações. Nesse sentido, temas que ensejam um compromisso com essa restauração, a exemplo da denúncia e combate à corrupção, a exaltação da resistência, a importância da autodeterminação, a necessidade de união, a busca pelo desenvolvimento, dentre tantos outros, são recorrentes em muitas das narrativas e poéticas desses países. No caso da Guiné-Bissau, tal afirmativa é procedente, já que se não todos, ao menos a grande maioria dos poetas e prosadores bissau-guineenses elegem esses temas e, a partir deles, trazem para as suas produções literárias os anseios e as preocupações de uma nação que clama por uma sociedade onde reine a justiça, a solidariedade, a unidade, a liberdade.

Dentre os escritores africanos nos quais se pode ler um compromisso com a (re) construção de seus países, de modo particular e, com o continente africano, de modo geral, Abdulai Sila, escritor bissau-guineense, é um dos mais importantes. A Literatura de Sila constitui-se como uma ação política, social, cultural e econômica que segue, não apenas expondo em forma de denúncia todos os tipos de mazelas vividas pela sociedade bissau-

guineense, mas, para além disso, propondo estratégias de mudanças, as quais devem ter como protagonista principal o cidadão, “não o cidadão individual, isolado, e, sim, o colectivo de cidadãos, unidos por algo que tenham em comum, partilhado, que os motive e mova na mesma direção, empreendendo uma acção conjunta/colectiva (SILA, 2013, p. 1).

O escritor Abdulai Sila tem formação em engenharia eletrotécnica e tornou-se empresário no ramo pelas circunstâncias sociopolíticas de seu país, a Guiné-Bissau. Entretanto, não se considera um empresário no sentido clássico do termo, tendo em vista que não se comporta como tal e empresas, a exemplo da Ku Si Mon Editora, que mantém em sociedade com mais dois amigos, “não faz lucro nenhum em termos financeiros, antes pelo contrário” (SILA, 2013, p. 7). Considera que a Ku Si Mon é a possibilidade de criar “alimentos espirituais”. Nessa perspectiva, prioriza a publicação de ficção de jovens talentos com idade entre 18 e 24 anos, pois acredita que estes são os protagonistas das mudanças que se impõem ao seu país hoje. Uma dessas mudanças diz respeito à popularização do livro, “tornando-o acessível a toda a gente” (SILA, 2013, p. 5). Uma outra mudança que acredita necessária e urgente é a valorização de elementos tradicionais. Dentre estes, as línguas locais e a sabedoria milenar. Nesse sentido, a editora publica “contos tradicionais, em edição bilingue” (SILA, 2013, p. 5). Essas ações por si só já demonstram um compromisso do escritor com as questões sócio-político-culturais da Guiné-Bissau, sobretudo, mas não é só isso. O nosso escritor é um dos idealizadores do internacionalmente reconhecido Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP, instituto que serviu de afirmação da intelectualidade bissau-guineense e que foi concebido pelo escritor e intelectual, Carlos Lopes, presidente da Associação de Escritores da Guiné-Bissau – AEGUI, fundada em 10 de outubro de 2013.

Sila é considerado pelos pesquisadores das literaturas da Guiné-Bissau como autor do primeiro romance bissau-guineense. Até então, este gênero havia sido escrito por autores situados na era colonial e não eram filhos daquele país. Abdulai tem textos publicados em Cabo Verde, na França e no Brasil e, além de ficção, publicou textos sobre economia, política, educação e desenvolvimento social, em revistas locais e de diversos países.

Se pretendemos situar Abdulai Sila na historiografia literária bissau-guineense, é possível afirmar que ele pode ser considerado como integrante do terceiro período, conforme a compilação que fazem Couto e Embaló (2010), ao distinguirem três períodos nessa literatura, conformando-os à história política do país. Nesse sentido, distinguem uma literatura do Período Colonial, que é anterior a 1945, uma literatura do período das lutas pela independência, que está, aproximadamente, entre 1945 e 1973, e uma literatura do período pós-independência, que surge, mais ou menos, em 1973, e segue até os dias atuais. Se, por um lado, esta fase é marcada pela afirmação de uma identidade nacional, já que após a independência as populações da Guiné-Bissau estão em busca da construção da nação, tentando definir uma identidade para o país, por outro, os escritores, intelectuais,

cidadãos bissau-guineenses, estão em busca de uma interpretação do momento histórico atual, mas, principalmente, buscam fazer a crítica, tanto quanto a denúncia da derrota da utopia salvacionista preconizada pelos donos do poder. Moema Augel é uma voz autorizada para ratificar tal afirmação, uma vez que é uma pesquisadora das literaturas africanas e acompanhou *in loco* a cena bissau-guineense:

A constatação realística da distopia vem fazendo surgir, desde a década de noventa, obras literárias extremamente originais nas quais se verifica, ao lado de uma crítica muitas vezes corrosiva à governança, a afirmação da identidade nacional [...] e isso através da construção de significados de nacionalidade a partir de múltiplos recursos, por exemplo, pela renovação temática, pelo esforço ou empenho de articular a relação existente entre a cultura e o objeto literário, pela apropriação simbólica de mitos e tradições culturais, pelo uso de novas formas linguísticas, de desvios da norma consagrada e, não por último, pela desterritorialização e apropriação da língua portuguesa (AUGEL, 2007, p. 290).

O colonialismo e as guerras pela independência da Guiné Portuguesa, atual Guiné-Bissau, são fatos que marcam fortemente a vida de Sila e servem de temas para as suas narrativas, sobretudo por ele ter vivido de perto tais acontecimentos e, inclusive, ter sofrido as consequências deles.

Atualmente, Abdulai Sila reúne uma obra composta de quatro romances – *Eterna Paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), que formam a sua *trilogia* romanesca, intitulada *Mistida*, e seu derradeiro romance, *Memórias Somânticas* (2016). Além disso, escreveu dois textos dramáticos, *As Orações de Mansata* (2007), escrito sob encomenda para o teatro, e *Dois tiros e uma gargalhada* (2013) – também uma peça teatral –, todos publicados pela editora Ku Si Mon. Ademais Sila dispõe de contos e vários artigos publicados em jornais e revistas, sobretudo do seu país, a exemplo das publicações na *Revista Soronda*.

**Destacando aqui a sua *trilogia* romanesca, intitulada *Mistida*, na qual Sila juntou *A última tragédia*, *Eterna paixão* e *Mistida*, observa-se que a ambientação histórica presente em *A última tragédia*, caracteriza-se pela movimentação anterior que resultou na independência da Guiné-Bissau, estendendo-se aos processos posteriores de construção da nova nação e, segundo Rita Chaves e Tânia Macedo (2009), traduz, na figura de alguns personagens, uma ponta de esperança em meio ao drama colonial. Já em *Eterna paixão* e, de modo semelhante, em *Mistida*, o que fica mais evidente é a crítica ao fato de que a independência e a esperada libertação do jugo colonial português não resultaram em modificações substantivas nas estruturas de poder. Ao mesmo tempo, estas narrativas indicam caminhos de enfrentamento a essa realidade.**

Neste conjunto de narrativas, é possível observar a tênue fronteira entre Literatura e História, sobretudo no que diz respeito às histórias de lutas e resistências da população bissau-guineense no enfrentamento ao poder colonial. Ademais, não exclusivamente, mas, sobretudo por meio dessa “trilogia”, é possível uma leitura que nos leve ao encontro de

discussões que nos são muito caras quando se pensa em uma nação que se deseja próspera, democrática, desenvolvida.

Como já mencionado nas páginas iniciais desta abordagem, o anseio pelo desenvolvimento da África, de modo geral, e da Guiné-Bissau, em particular, se apresenta como um dos temas das literaturas africanas. Na da Guiné-Bissau e do seu principal representante, Abdulai Sila, não é diferente. São diversas as pistas encontradas em suas narrativas que nos fazem enveredar por uma trilha que nos leva ao desenvolvimento. Em meio aos diversos fatores que podem promover o desenvolvimento de uma nação, a educação aparece de modo bastante recorrente na literatura de Sila. Sem desconsiderar as demais, é possível ler que a educação é considerada uma das vias mais fundamentais para o alcance do desenvolvimento africano.

O intuito deste texto é, portanto, proceder a uma breve leitura da *trilogia* romanesca do escritor Abdulai Sila, percorrendo pistas que nos levem aos diversos momentos das narrativas que são passíveis do entendimento de que a educação formal constitui-se como motor fundamental ao desenvolvimento. Para tanto, serão destacados trechos das obras que permitem a visualização de como a defesa dessa educação é construída ao longo das tramas

## **A EDUCAÇÃO COMO VIA PARA O DESENVOLVIMENTO, POIS “[...] TODA A GENTE TEM QUE PENSAR. ARTIGO ÚNICO”**

Sem a pretensão de fazer uma abordagem exaustiva acerca do termo desenvolvimento, mas visando destacar como a questão emerge na representação de Abdulai Sila, vale ressaltar algumas discussões contemporâneas acerca da temática, a partir de africanos e ou africanistas que se debruçam sobre essa empreitada

Para o cabo-verdiano Cláudio Furtado (2014), ainda que haja um relativo consenso entre as abordagens sobre o tema desenvolvimento, uma multiplicidade de sentidos a ele se circunscreve. De uma forma ou de outra, é fato que o desenvolvimento constitui-se como “um valor, um desejo universal, um objetivo a atingir”, por todo e qualquer Estado Nação.

Se há um consenso no que tange ao desejo de desenvolvimento, por um lado, há, por outro, divergências quanto ao seu significado. Isto é, existem concepções discordantes quanto ao tipo de desenvolvimento que se quer, se deve, ou precisa alcançar. Tais divergências estão pautadas, sobretudo, no que se refere ao nível econômico e social de uma sociedade, haja vista alguns estudos advogarem que o desenvolvimento de uma nação está alicerçado no seu crescimento econômico, independentemente do crescimento social.

Não é que desenvolvimento e crescimento econômico sejam categorias antagônicas, antes, pelo contrário, como bem lembra Furtado (2014), os especialistas nesses assuntos concordam que o primeiro impulsiona o segundo, todavia, o desenvolvimento não se

encerra nas questões econômicas, não sendo estas, portanto, determinantes para que um país receba o status de desenvolvido. Um país pode ser economicamente desenvolvido, mas socialmente subdesenvolvido, com suas populações em alto nível de pobreza, de exclusão social e cultural<sup>1</sup>. Para o bissau-guineense Joel Alô Fernandes,

Não existe um único modelo de desenvolvimento que deve ser seguido ou copiado pelos países do mundo. Entretanto, todos os países do mundo devem considerar todo e qualquer modelo de desenvolvimento em sua concepção, como a lógica resultante da integração sustentável dos aspectos e dimensões econômicas, sociais, civis, culturais, científico-tecnológicas, ambientais, espirituais e políticas, sendo que em sua execução, todo e qualquer modelo de desenvolvimento deve contemplar o indivíduo, o coletivo e o planetário de modo interdependente e indivisível como sujeitos centrais num processo de responsabilidade compartilhada (FERNANDES, 2014, p. 9).

Fernandes (2014) é mais um africano que refuta a ideia de que apenas com o crescimento econômico se alcança o desenvolvimento. Conforme é possível interpretar em suas palavras, um país para, de fato, ser considerado desenvolvido precisa estar muito além de seu potencial econômico. O desenvolvimento deve estar necessariamente atrelado à capacidade de transformação da riqueza que produz em melhorias para a vida dos cidadãos. Dito de outro modo, uma nação será cada vez mais desenvolvida, conforme a sua capacidade de diminuir a desigualdade social e de garantir plenamente os direitos dos cidadãos.

Para muitos africanos, desenvolver-se é recuperar o atraso que permitiu a dominação colonial e subir os degraus que permitem içar-se ao mesmo nível que os antigos dominadores do continente. Na visão dos organismos internacionais, principalmente as agências das Nações Unidas, o desenvolvimento é também uma corrida cujo objetivo é impedir a divisão durável do mundo em ricos e pobres; uma divisão que comporta tensões nefastas para os objetivos da ONU. Para todos, essa corrida é, pois, indispensável para a generalização do progresso e o advento de um mundo novo, conforme Koudawo (1995).

Já Claudio Furtado lembra que:

Aliás, o conceito de desenvolvimento proposto pelas Nações Unidas e operacionalizada pelos relatórios mundiais e nacionais de desenvolvimento humano enfatizam, através de indicadores compósitos como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o Índice de Pobreza Humana (IPH), o padrão mínimo de bem-estar, incluindo, de entre outras dimensões, a saúde, a habitação, a segurança alimentar, a esperança de vida, a educação e o emprego (FURTADO, 2014, p. 97).

Tem razão Furtado quando defende um nível de desenvolvimento que extrapola as fronteiras do crescimento econômico para ir ao encontro de uma melhor qualidade de vida, de bem-estar econômico, social e cultural. Obviamente, um tipo de desenvolvimento como o que o autor advoga não é conquistado em curto prazo. Depende de um projeto de nação

<sup>1</sup> Países como a Rússia e a China, por exemplo, possuem um PIB (Produto Interno Bruto) alto, mas um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), muito baixo, incompatível com relação ao primeiro.

que envolva todos os atores da sociedade e que vá além dos mandatos políticos, para que se garanta a continuidade de políticas capazes de promover a equidade e o bem-estar social.

A exemplo destes e de outros africanos, porém, no seu caso, através da literatura, Abdulai Sila buscou entender o termo desenvolvimento a partir de várias frentes. Dentre a multiplicidade de variáveis que podem ser observadas das narrativas de Sila, a educação será destaque, pela sua relevância singular no contexto africano, notadamente na Guiné-Bissau. Nas palavras do autor de *Mistida*

A verdadeira mudança que se impõe hoje na Guiné-Bissau deve ocorrer, em simultâneo e de uma forma proativa, a dois níveis: na Educação e na Cultura, na mentalidade/atitude do cidadão (individual) e nos novos padrões sociais e morais (colectivo).(SILA, 2013, p. 01).

No romance *A última tragédia*, por motivos diversos e divergentes óbvios, a educação tem importância tanto para o colonizador, quanto para o colonizado, conquanto, no que se refere aos objetivos, a importância da educação para um e para outro se distinguem radicalmente, pois a educação que deveria oportunizar ao indivíduo uma dimensão das mais amplas de informações e conhecimentos sempre reproduzia o modelo que a empresa colonial impunha. Para os colonizadores, educação servia para interiorização de valores exógenos e manutenção da ordem instituída; para os colonizados, educação tem o sentido de tomada de consciência da situação de opressão e, conseqüente, encaminhamento planejado para o processo de conquista da liberdade.

A educação formal colonial se constituiu como a maior responsável pela exclusão dos valores autóctones. Os africanos ficaram à margem de sua própria história e do saber, com dificuldade – mas não impossibilidade – de combater o poder e tendo seus valores desconsiderados. Em uma das passagens do romance *A última tragédia*, o diálogo entre dois portugueses sobre estratégias de dominação dá a dimensão das intenções dos colonizadores com a construção de escolas formais

- Temos que criar escolas...
- Escolas?
- Sim, escolas.
- Mas... Está a falar de escolas para os indígenas?
- Como é que vão pregar o Evangelho se não sabem ler?
- Mas escola mesmo?
- Claro que só vamos formar o número que acharmos razoável. Esses depois vão formar outros... e assim sucessivamente. Vai ser como uma bola de neve, com a vantagem de que vamos poder controlar seu tamanho e velocidade a cada momento (SILA, 2006, p. 58).

A educação colonial deveria atender aos interesses exclusivos da colonização. O diálogo entre as duas personagens não deixa dúvidas de que a criação de escola

deveria servir para a difusão dos valores portugueses, incluindo, aí, sobretudo, os dogmas religiosos. O explorador era convicto do perigo da instrução via educação formal, mas apostava na sua capacidade de ir só até onde lhe fosse conveniente

– Já disse várias vezes. Escola para indígena é só confusão. Preto que sabe ler é anarquista. Aliás, ele já é anarquista por natureza, se aprende a ler então é o caos total.

– Não fale assim Dona Margarida... A senhora bem sabe que essa gente só vai aprender o mínimo necessário para servir à nossa causa. Só isso e mais nada!

– Quem pode garantir isso?

– O objectivo é esse.

– Isso é o que vocês pensam.

– Repare numa coisa Dona Maria Margarida: a nossa missão é sagrada e patriótica ao mesmo tempo. Servimos a Deus e à pátria nestas terras (SILA, 2006, p. 59-60).

A fala das personagens só ratifica o que já afirmamos acima e corrobora o que pontua Alexandre Furtado, ao afirmar que “O objetivo fundamental do ensino colonial, nos países colonizados, não podia ser outro, senão o de preparar o terreno para a proliferação do colonialismo.” (FURTADO, 1986, p. 126).

Contudo, se é verdade que a educação colonial direcionada para os africanos objetivava a submissão e a conformação, digamos, quase natural, ao instituído, enfim, para a manutenção da colonização, também é verdade que, no sentido contrário, a educação almejada pelos africanos e defendida pelo pai do nacionalismo africano e um dos líderes mais importante nas lutas pela independência do continente africano, o guerrilheiro e educador, Amílcar Cabral, por exemplo, visava preparar os africanos não só para enfrentarem a empresa colonial, através da luta organizada, mas para desenvolverem as suas comunidade locais, a comunidade nacional e a si próprios.

Monteiro destaca que:

Na Guiné-Bissau, “nação africana forjada na luta”, um dos primeiros gestos emancipadores do movimento de libertação foi a criação de escolas, nas matas, em pleno teatro de guerra, logo após o aparecimento das primeiras áreas libertadas. O ensino era obrigatório e gratuito, pelo que a maior parte dos quadros do pós-independência era constituído de filhos de camponeses pobres educados durante a luta de libertação nacional (MONTEIRO, 1997, p. 33).

Foi com objetivo semelhante que Bsun Nanki, Régulo de Quinhamel<sup>2</sup>, protagonista no romance *A última tragédia* decidiu criar uma escola. Ele acreditava que o pensamento

---

2 . Os régulos eram chefes tradicionais nomeados pela empresa colonial portuguesa que eram intermediários entre a autoridade portuguesa e a população local. No caso aqui, de Quinhamel, uma das cidades da Guiné-Bissau, onde se passa a maior parte do enredo do romance, *A última tragédia*. Bsun Nanki era um régulo que enfrentava o poder colonial, se opondo ao mando do colonizador e uma das suas frentes era a escola. Ele preconizava o poder do pensamento, da reflexão, a ponto de criar um testamento sobre isso.

era a chave de tudo: para expulsar o branco, para o desenvolvimento, para educar os filhos. A escola é o lugar onde se deve aprender a pensar. Em várias cenas da trama de *A última tragédia*, sobretudo naquelas em que o Régulo, Bsun Nanki, está envolvido, a importância do pensamento é destacada. Uma delas é quando o citado personagem é afrontado pelo chefe colonial, quando este procede a uma cobrança indevida de impostos. O régulo soube que, ao lhe cobrar imposto, “o chefe afinal só queria gozar com ele!” (SILA, 2006, p. 74). Não podia aceitar aquela brincadeira maldosa. “Mas aquele branco não ia ficar assim...” (SILA, 2006, p 75). Com essa convicção, pensou, pensou e “A única coisa que aparecia na cabeça era matar o homem” (SILA, 2006, p. 77). Pensou, pensou e “[...] se ele morresse assim de qualquer maneira vinha polícia vingar”. (SILA, 2006, p. 77). Pensou mais um pouco e “mandava botar-lhe um korté<sup>3</sup> e o sacana nunca mais brincava com ninguém”. Continuou a pensar e “Se não quisesse matar, havia ainda outras alternativas. Por exemplo, pôr o sacana no lambran<sup>4</sup>. Iria para longe de Quinhamel sem nunca saber como é que foi” (SILA, 2006, p . 78). Por mais que pensasse não conseguia uma forma de se vingar do chefe. Mas, continuou a pensar – “Portanto esse era o problema: pensar. Quando alguém pensa, chega sempre a um resultado” (SILA, 2006, p. 79-80), pois,

O fôlego do pensamento é a paciência. Então é melhor pensar o problema todo outra vez, sempre com calma e com paciência. Até porque quem procura acaba sempre por encontrar... (SILA 2006, p. 90).

Foi assim que pensou e concluiu que a vingança com morte, sumiço, ou algo semelhante não seria a melhor solução. Na esteira dos seus pensamentos e atitudes, aos poucos a intenção da vingança vai cedendo espaço para formas mais substantivas e eficazes de se posicionar diante, não de uma injúria apenas, ainda que de representação social negativa muito grande para um chefe tradicional, mas de um conjunto de fatores que, ao concorrerem para embotar o pensamento, impossibilitavam a emergência do reconhecimento e da liberdade para além de uma sanha vingativa individual.

Na pena de Sila, a escola aparece para o Régulo como criação própria. Seguramente, como resultado projetivo de um pensamento que, aos poucos, evolui para se concretizar em formas materiais mais estratégicas.

Um régulo não podia andar como um cego, tinha que olhar para a frente. Foi assim que decidiu mandar abrir uma escola em Quinhamel. Não é coisa de querer copiar os brancos ou de arranjar fama, dizer que fui eu que fiz isso, fui eu que fiz aquilo. Não é nada disso. É só uma questão de pensar, pensar no futuro. A escola afinal era para que? (SILA, 2006, p. 100).

**O próprio Régulo exalta seu grande empreendimento.**

Pensam que aquilo foi ideia de algum branco? É verdade que não tinha falado ainda para ninguém. Mas era porque tinha que manter um certo segredo. O Chefe Cabrita ainda estava lá, podia complicar os seus planos. Mas a ideia

<sup>3</sup> Feitiço, geralmente para matar um inimigo.

<sup>4</sup> Utensílio utilizado para atirar pedras.

foi dele mesmo. Teve o apoio de Dona Maria Deolinda, é verdade, mas a iniciativa foi dele. Ele é que ouviu falar do trabalho daquela gente e depois foi falar com ela. Foi ele que insistiu, uma escola fazia muita falta em Quinhamel, os outros diziam que Quinhamel ainda não estava na lista, que não havia nem verba nem professor disponível. Foi ele que disse que tinha dinheiro para construir a escola, os outros tratavam do professor, que aliás ele já tinha identificado um professor competente para pôr lá (SILA, 2006, p. 99-100).

A figura e as palavras do Régulo de Quinhamel permitem caracterizá-lo como um defensor incontestado da escola e do professor como os promotores da capacidade que deve ter um indivíduo de pensar, tendo em vista que “achava e continuo a achar uma grande injustiça uma criança não ter a oportunidade de ir à escola” (SILA, 2005, p. 1). Para Sila, educação não pode ser coisa só de branco, ao contrário, é uma arma criada pelo branco, mas pela sua eficácia no desenvolvimento do pensamento, torna-se fundamental na construção de uma nação, já que é o caminho para a reflexão e para o planejamento, portanto é necessário que o preto também a domine

Em *A última tragédia* o criador e a criatura às vezes se confundem em concepções e mesmo em cargos e funções desempenhadas. O Régulo, chefe tradicional, constrói escola com base na convicção de um futuro livre desejável. “Se um dia os brancos forem embora, não deveria haver mais nem polícia, nem cipaio, nem nada parecido. Devia haver muitos professores para ensinar” (SILA, 2006, p.100). Já Sila “fazia parte (de fato era o chefe) de uma Brigada de Alfabetização que tinha por missão ensinar a ler e escrever aos nossos concidadãos mais velhos (SILA, 2005, p.1). Foi nessa oportunidade que conheceu Paulo Freire<sup>5</sup> e o seu método de alfabetização para a libertação e, por conseguinte, para a cidadania.

Dominar as letras e as palavras tem um significado maior do que o mero exercício da escrita em si. O objetivo é desenvolver uma habilidade capaz de contribuir para a elaboração de uma consciência crítica que possibilite uma intervenção política. São palavras de Paulo Freire:

O analfabetismo não só ameaça a ordem econômica de uma sociedade, como também constitui profunda injustiça. Essas injustiças têm graves consequências, como a incapacidade dos analfabetos de tomarem decisões por si mesmos, ou de participarem do processo político. Desse modo, o analfabetismo ameaça o caráter mesmo da democracia. Solapa os princípios democráticos de uma sociedade. (FREIRE, 1990, p. XI).

Arrisca-se a interpretação de que o personagem Bsun Nanki, o régulo já citado anteriormente, pode ser considerado a encarnação vernacular dos princípios de uma educação libertadora.

Tinha pensado muito nos últimos tempos. Tinha pensado nas coisas que passaram, nas coisas que estão a passar e nas outras que estão para vir

5 O grande educador Paulo Freire nasceu no Brasil, em Recife e esse método de alfabetização de adultos foi criado durante os anos 50. Em meados dos anos 70, foi convidado e participou das campanhas de erradicação do analfabetismo na Guiné-Bissau independente.

ainda. [...] A escola é primeiro que tudo um sitio onde as pessoas aprendem a pensar. É isso mesmo: aprender a pensar. Depois é que vem o resto. As pessoas às vezes pensam muito e podem esquecer, logo é preciso escrever para não esquecer. Daí as pessoas aprenderem a escrever na escola. É preciso fazer contas grandes? Às vezes os dedos não chegam e as pedras também não ajudam muito [...] E a escola é para isso” (SILA, 2006, p. 100).

A escola também seria um meio de instrumentalizar o preto com algumas das armas do branco, para conhecê-lo melhor e, assim, buscar estratégias para combatê-lo e até expulsá-lo. Só pensando bem sobre o assunto é que o preto vai saber como o branco veio para, então, saber como mandá-lo de volta: “O branco veio tem que ir um dia” (SILA, 2006, p. 101). Mas é preciso o preto pensar sobre isso. “Um preto que vai descobrir os pontos fracos e fortes do branco para depois combatê-lo” (SILA, 2006, p. 101).

Ainda em *A última tragédia*, a criação da escola coloca em cena outro protagonista da trama, o Professor, grafado em maiúsculo, provavelmente com o objetivo de dar a dimensão da importância singular do seu papel na condução do pensamento e da reflexão, e como promotor do desenvolvimento, pois, “Se um dia os brancos forem embora, não deveria haver mais nem polícia, nem cipaio, nem nada parecido. Devia haver muitos professores para ensinar” (SILA, 2006, p. 100). Não é por acaso que é ao professor que o Régulo dá a incumbência de registrar o seu testamento, as suas ideias, a sua herança:

– Se entendi bem, o Régulo quer fazer um testamento.

[...]

– É só algumas coisas que quero deixar para aquele que vêm depois de mim.

– Mas isso que estou a pensar não é coisa para ninguém negar! É para toda a gente saber. Meus filhos, netos, bisnetos, filhos de outras pessoas, seus netos, bisnetos... isto é para toda a gente desta terra, mas mesmo toda a gente (SILA, 2006. p. 110).

A máxima cunhada pelo Régulo, “Duas cabeças valem mais do que uma”, dada a sua importância e significado na obra do autor, transporta-se de um romance aos outros. Em *Eterna Paixão*, toda a trama começa na universidade, a partir de onde o protagonista afro americano, estudante de agronomia, Daniel Baldwin, vence um concurso em que desenha um projeto de desenvolvimento para a África. Na oportunidade de premiação, o embaixador africano, Ntamawogo, ao felicitar o vencedor pelas suas ideias de desenvolvimento, comenta: “Como disse o meu colega, nós em África chegamos a um ponto em que mais do que nunca precisamos de imaginação, de cabeças que saibam pensar”. (SILA, 2002, p. 229).

Foi após muito estudo, reflexão e pesquisa que o protagonista de *Eterna Paixão*, Daniel Baldwin, obteve informações importantes sobre as potencialidades da África transformando-as em um projeto de desenvolvimento. Com a pesquisa sobre o passado africano, pela descoberta do potencial do continente antes da chegada dos colonizadores europeus, Dan, como era conhecido Daniel, produzira a monografia com que participara,

com vitória do citado concurso

Vale ressaltar ainda que é na escola, notadamente na universidade, que o personagem Daniel Baldwin tem a oportunidade de desconstruir uma ideia negativa do continente africano e de suas populações. Mais que isso, é a partir do ambiente educacional que Dan conhece Marcus Garvey e suas ideias revolucionárias para a África. É ainda do meio universitário que surge o *Africa committe*, “uma organização que os estudantes afro-americanos da universidade haviam criado para coordenar as suas atividades e iniciativas em prol do continente donde diziam ter saído os seus antepassados (SILA, 2002, p. 2013). Acreditamos que essa organização, na verdade, faz referência à Casa dos Estudantes em Lisboa, onde estudantes africanos criaram partidos e organizações revolucionárias para fazerem frente à exploração europeia.

Finalmente, em *Mistida*, o terceiro romance da *trilogia*, no capítulo intitulado, “O tribunal da redenção”, Sila, mais uma vez, destaca a figura emblemática do professor. As características atribuídas a Kanonton, um dos protagonistas da trama, são próprias de um dos líderes mais importantes do nacionalismo africano, o ativista, intelectual, guerrilheiro, Amílcar Cabral. Assim Sila refere-se a ele:

Foi um célebre Comissário Político, um combatente que para além de muita coragem tinha uma forte bagagem teórica e o dom da palavra [...] Dizem os seus alunos que quando era professor ocupava uma boa parte de suas aulas a recitar poemas que tinha escrito sobre aquilo que chamava o seu grande amor: a pátria que ajudara a construir. Os combatentes que lutaram com ele diziam a mesma coisa, ou ainda pior: que gastava tempo demais a escrever não só poemas mas também textos, longos textos sobre o futuro de um país que só existia na cabeça dele. E mais: depois de cada operação, quando todos queriam descansar, ele convocava reuniões para análise da situação política [...] (SILA, 2002, p. 351).

A passagem não deixa dúvidas que consiste em uma descrição que exalta a figura de Cabral como ativista político e professor, como a querer insinuar que um professor deve se espelhar e adquirir as características do grande líder.

Kanonton, entretanto, é mudo. A sua mudez surge automaticamente, ao ser interrogado pelos seus alunos acerca do país que ele havia prometido e pelo qual tanto lutou, refletiu, planejou e defendeu. Cabral também foi silenciado, só que com a morte. Se não fosse, certamente, se decepcionaria e, também, teria dificuldade de dar as respostas para os seus concidadãos. A crítica é explícita e torna-se bem característica da distopia que é possível de se ler em *Mistida*, a decepção com os novos dirigentes do país. É uma forma de Sila demonstrar as dificuldades em encontrar respostas para tantos desmandos, inclusive realizados por muitos dos combatentes nas lutas pela independência.

A incessante alusão de Sila à educação, à escola, ao professor, segue bem o espírito bissau-guineense de atribuir papel singular à escola e aos segmentos a ela vinculados.

Através dos personagens e temas dos seus três romances, as reiteradas alusões de Sila à educação e ao pensamento organizado, como fatores determinantes no

desenvolvimento africano é fundamento evolutivo de ações estratégicas no processo paulatino de construção da liberdade

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Joel Alô; KINOSHITA Fernando. **O direito ao desenvolvimento como um direito humano e prerrogativa dos Estados nas relações internacionais do século XXI**. Disponível em: <http://www.didinho.org..> Acesso em 3 mar. 2014.

FREIRE, Paulo *et al.* **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FURTADO, Cláudio Alves. Desenvolvimento. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio Alves (Org.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 91-103.

KOUDAWO, Fafali. Educação e teorias de desenvolvimento: o que há de novo? **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 19, p. 89-122, 1995.

LOPES, Carlos. (Org.). **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Unesp, 2012

MONTEIRO, João José Silva. Analfabetismo na Guiné-Bissau: kamiñu lunju inda. **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 1, p. 31-59, jan. 1997.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Dois tiros e uma gargalhada**. Bissau: Ku Si Mon, 2013.

\_\_\_\_\_. **Mistida** (Trilogia). Praia: Centro Cultural Português Praia-Mindelo, 2002.

\_\_\_\_\_. O livro como arma. Entrevista concedida a Erica Cristina Bispo. **O Marrare**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 13, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescente 53, 55, 59, 60, 61, 179, 190

África 91, 166, 169, 175, 176, 177, 178, 185

Alfabetização 38, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 174, 177, 216, 220, 221, 275

Ambiente virtual de aprendizagem 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 105

Aplicativo educacional 110

Argumentación escrita 146, 148, 152, 153, 161, 162, 163, 164

Artistas afrodescendentes 84, 88, 89

Assistência estudantil 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

### C

Conferências internacionais de instrução pública 233, 236, 240

### D

Desenvolvimento 5, 6, 8, 9, 12, 16, 19, 20, 36, 37, 38, 41, 46, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 75, 77, 86, 87, 99, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 143, 144, 145, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 179, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 213, 215, 217, 218, 219, 222, 223, 226, 227, 229, 237, 238, 270, 273, 275

Dualidade 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 117, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 164, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 174, 176, 177, 185, 192, 193, 212, 213, 215, 216, 221, 222, 223, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 265, 266, 267, 268, 270, 273, 275

Educação ambiental 123, 124, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Educação antirracista 1, 2

Educação básica 2, 4, 8, 10, 15, 19, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 65, 72, 84, 85, 89, 93, 96, 107, 141, 145, 241, 242, 253, 255, 256, 275

Educação científica 25, 26, 34, 36, 38, 39, 138

Educação lúdica 110

Educação Matemática 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 275  
Educação Museal 222  
Educação não formal 266, 267  
Educação superior 3, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 74, 77, 78, 82, 212  
Ensaio argumentativo 146  
Ensino da Arte 84, 95  
Ensino de Biologia 74  
Ensino e aprendizagem 7, 27, 31, 36, 75, 102, 108, 128, 213, 214, 220, 222, 223, 251  
Ensino remoto 97, 98, 104, 105, 106, 107, 108  
Ensino secundário 4, 233, 234, 235, 236, 239, 240  
Estudos curriculares 25, 26, 31  
Ética 25, 38, 39, 124, 126, 216, 250  
Evidências visuais 202, 203  
Extensão comunitária 53

## **F**

Ficção 166, 167  
Formação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 17, 22, 26, 30, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 44, 45, 47, 50, 53, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 143, 144, 145, 147, 167, 212, 213, 215, 217, 218, 219, 220, 228, 231, 232, 234, 236, 239, 245, 247, 253, 266, 269, 270, 273, 274, 275  
Formação de professores 41, 64, 66, 67, 72, 75, 86, 97, 105, 106, 129, 130, 132, 213, 217, 220, 275  
Formação emancipadora 1, 7  
Formação humana 1, 2, 6, 8, 47

## **G**

Gestão escolar 43, 45, 46, 47, 48, 241  
Gestão participativa 241, 242, 245, 246, 248, 249, 251, 252  
Grupos de pesquisas em educação 43  
Guiné-Bissau 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 177

## **I**

Interdisciplinaridade 112, 125, 131, 133, 135, 145  
Interface tangível 110

## J

Jovens 18, 32, 33, 37, 38, 40, 41, 47, 61, 136, 167, 178, 179, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 228, 239, 266, 267, 270

## L

Lei 10.639/03 84

Letramento digital 213, 215

## M

Mapeamento 54, 82, 101, 102, 103, 108, 214

Matemática 37, 64, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 117, 118, 123, 132, 253, 255, 256, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 275

Metodologia 2, 41, 49, 54, 69, 77, 88, 98, 103, 112, 115, 116, 118, 119, 121, 125, 131, 132, 135, 138, 139, 143, 194, 212, 217, 253, 266

*Moodle* 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83

Museus 80, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Museus virtuais 222, 223, 225, 227, 228, 231

## O

Objetivos de aprendizagem 202

Organización de evidencias 202

## P

Pandemia 35, 36, 97, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 139, 141

Pensamento crítico 145, 147, 266

Pensamiento crítico 146, 148, 158, 159, 161, 163

Percepção ambiental 135, 136, 142

Periódicos 43, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 139

Permanência 5, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 24

Pesquisa em educação 43, 45, 83, 132

PNAIC 62, 63, 64, 68, 69, 72, 275

Políticas educacionais 23, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 62, 63, 236

Práticas de leitura 68, 71, 98, 266, 267

Professores escolares 53

Projeto político pedagógico 47, 127, 143, 241, 242, 246, 247, 248, 250, 252

## **R**

Realidade aumentada 110, 111, 112, 113, 117, 118, 225, 232

Recursos tecnológicos digitais 213, 216, 217, 218, 219

Reforma Francisco Campos 233, 235, 236, 238, 239

Relações comunidade-instituição 53

## **S**

Sindemia 25, 26, 27, 34, 35, 39, 42

Softwares educativos 253

## **T**

Tecnologia 1, 4, 9, 59, 76, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 89, 92, 95, 96, 99, 101, 102, 109, 117, 214, 215, 222, 223, 224, 229, 230, 232, 253, 254, 266

Tocantins 123, 124, 125, 126, 131, 132, 253

## **V**

Verbetes 43, 44, 45, 49

Violência 41, 54, 178, 179, 180, 181, 183, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193



# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 